

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR
E O PAPEL DOS COLÉGIOS
DE APLICAÇÃO

Vera Regina Pires Moraes
Colégio de Aplicação da
Faculdade de Educação da UFRGS

RESUMO

O estágio, curricular ou avançado, considerado como elemento de relevância na formação do professor é examinado e questionado, na perspectiva em que se realiza no Colégio de Aplicação.

1 INTRODUÇÃO

A formação do educador é processo altamente complexo que envolve aspectos relacionados à dimensão acadêmica e à dimensão pedagógica. Processo multidimensionado que é, exige uma relação transacional entre esses dois aspectos-chaves, desenvolvidos em uma perspectiva de formação integrada, de vez que a um educador são necessárias ambas as competências, ou seja, o domínio de uma disciplina ou área de conhecimento, bem como uma visão do homem e do mundo em que vive e das relações que têm se estabelecido entre ambos estes aspectos. Igualmente é necessário que o educador tenha uma formação pedagógica que o capacite a melhor compreender o processo educativo e as formas de agir que podem aumentar sua eficácia, facilitando, em seu desempenho como professor, o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, conduzindo ao êxito e afastando o fracasso.

Assim, pode-se dizer com Mialaret (1977, p.16) que a formação do educador deveria ter uma exigência dupla: uma formação que recaia ao mesmo tempo sobre uma sólida prática profissional e sobre uma cultura geral e específica que lhe permita compreender o que faz e por que o faz, além de fazê-lo conhecer os recursos pedagógicos a ponto de poder selecioná-los ou adaptá-los às situações que se propuserem, tornando-o capaz de criatividade pedagógica.

No pressuposto de uma formação do professor a nível universitário que leve em conta esses aspectos mencionados, o estágio curricular, a prática de ensino deveria inserir-se como um momento de síntese em que o indivíduo vivencia a experiência do ensinar e aprender, na dimensão profissional mais diretamente, quando ele experimenta "*o ensino como um processo global*", envolvendo o aproveitamento integrado de: conteúdos de sua matéria de ensino, teorias de aprendizagem, metodologia do ensino e experiências pessoais" (Mello, 1971).

Em que medida o Colégio de Aplicação como local de estágio oferece condições para que esta síntese se realize?

2 ESTÁGIO

2.1 Significado e organização

As observações apresentadas destacam a importância do estágio no modelo de formação de professor e salientam quão imbricado é ele com os múltiplos elementos envolvidos no processo de formação do professor.

O estágio é, segundo Vianna (1970, p. 49), "o exercício orientado da profissão" e se caracteriza como "treinamento planejado, programado, mediante acompanhamento e reflexão" (Rabello, apud Gaspari, 1976).

Muitos autores, de acordo com Almeida (1978, p. 27), salientam que o estágio tem como um dos objetivos, função ou consequência a retroalimentação do sistema em que se insere e "além de otimizar a profissionalização do estudante pela integração entre os conhecimentos teóricos e a prática, pode proporcionar informações acerca de formação profissional, através da crítica que o próprio estagiário é capaz de fazer a partir de sua experiência profissionalizante e através dos resultados da avaliação realizada pela escola e/ou pela empresa que ofereceu o estágio".

Entretanto parece ser lúcido colocar-se que o estágio também como função a retroalimentação do próprio organismo escolar em que se realiza, na perspectiva de seu currículo, seus alunos e seus professores.

Nas licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atualmente, o estágio curricular constitui o componente básico, o cerne das disciplinas de Prática de Ensino, podendo realizar-se no Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação ou/e em outra escola da comunidade.

A disciplina de Prática de Ensino ou como anteriormente já foi chamada Didática Especial ou Estágio Supervisionado, ainda que tendo mantido sempre sua característica básica de exercício de docência pelo aluno-mestre, teve organização diversa ao longo dos tempos. Assim, o Colégio de Aplicação surgiu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, basicamente como campo de estágio, no tempo em que a formação do professor nas Licenciaturas se fazia no esquema três mais um, primeiro a formação acadêmica e posteriormente a formação pedagógica.

Nos seus primórdios, o Colégio de Aplicação foi proposto essencialmente como campo de formação do professor pré-serviço, desenvolvendo-se aí experiências de ensino pelos alunos-mestres, que o envolviam ao longo de um ano letivo em horários bastante elásticos. Havia então possibilidade de utilização de grande número de horas, sem necessidade de obediência a uma carga horária reduzida e pré-determinada.

Na década de cinquenta, por exemplo, realizaram-se experiências como a "Operação Escolinha", em que estagiários assumiram a escola integralmente, inclusive a direção, sob a orientação dos professores de Didática Geral e Especial, que constituíam um único grupo.

Posteriormente, na década de sessenta, uma nova proposição foi feita em termos de realização do estágio curricular, que passou a fazer-se, de forma intensiva, em um mês, em regime de "quase residência", concentrando-se sua efetivação — praticamente a totalidade dos alunos-mestres — no Colégio de Aplicação.

Convém destacar que o estágio curricular é uma dimensão na perspectiva na formação do professor e como tal está sendo visualizado nesta abordagem apresentada. É certo que é preciso considerá-lo como uma dimensão básica de um currículo multifacetado que se ocupa da complexa formação do professor, mas não hão de se concentrar no estágio curricular todas as expectativas relacionadas à formação do professor.

As condições institucionais em que se realizam o estágio nas Licenciaturas da UFRGS atualmente são de per si, bastante limitadoras quanto às possibilidades de tal tarefa no contexto da formação do professor pré-serviço. Cabe aos alunos-mestres desenvolverem seu trabalho de estágio em seis ou oito horas semanais, (apenas de um curso, Enfermagem, são exigidas 20 horas), geralmente distribuídas em dois períodos de igual número de horas, em horário semanal pré-determinado. As dificuldades de ajustamento dos horários propostos para estágio com as reais disponibilidades e necessidades de horário para estágio nas escolas da comunidade e Colégio de Aplicação são, freqüentemente, grandes.

Há cursos, salienta-se, que nos últimos anos não têm podido ter qualquer estagiário no Colégio de Aplicação, em função das discrepâncias entre os horários de aula nesta escola e os destinados ao estágio curricular.

Traçou-se, desta forma, rapidamente, um perfil histórico da figura "estágio curricular" nas Licenciaturas da UFRGS e seu relacionamento com o Colégio de Aplicação.

— Um estágio assim configurado é capaz de promover uma efetiva formação do professor?

3 ESTÁGIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

3.1 O estágio curricular

O estágio curricular tal como se apresenta atualmente envolve em geral alguma revisão de conteúdos específicos, observação em sala de aula, elaboração de planos de ensino, exercício de docência, reflexão sobre desempenhos docentes.

É no interjogo destes elementos, no sentido que lhes é emprestado, que o estágio ganha a força de efetivo recurso de capacitação docente. Fundamental neste interjogo é a consideração do exercício de docência em níveis de complexidade crescente, partindo de situações mais simples em que um menor número de variáveis é manejado, para as mais complexas. Assim a proposição é que o aluno-mestre experiencie a situação de ensino-aprendizagem em diferentes níveis, observando, trabalhando como professor associado, trabalhando com um ou dois alunos em situação de tutoramento, com pequenos grupos em situação de simulação, de micro-ensino ou pequenas práticas e só após estas vivências, trabalhando com grande grupo.

As diversas etapas do estágio curricular deverão conduzir o indivíduo à maior competência, tanto na área da interação social como na área da influência cognitiva, proporcionando-lhe aqueles primeiros elementos fundamentais da consciência profissional.

Relacionando os componentes básicos de ambas as áreas mencionadas, assim como colocados por Sant'Anna (1979), com estágio curricular, poder-se-ia propor que ele fosse de tal natureza que levasse o professor pré-serviço a crescer na direção de maior domínio de conhecimento, tanto no que se refere ao comportamento humano, quanto à sua matéria de ensino, na direção de maior domínio no que diz respeito a atitudes para com o aluno e consigo mesmo, como autenticidade e consequência. Deveria o estágio também oportunizar o crescimento na dimensão dos valores e atitudes acerca da educação, do homem, do mundo, de sua área de conhecimento e de sua profissão, seria ainda importante que o aluno-mestre tivesse a oportunidade de exercer julgamento sobre seus próprios desempenhos, com vistas a um melhor exercício profissional, assim como sobre a relevância daquilo que se propõe a ensinar.

Tal preparação do professor exige um modelo de formação em que haja um movimento contínuo do plano das idéias para o da ação e vice-versa.

— Está o Colégio de Aplicação como campo de estágio, favorecendo esta abordagem de formação do professor?

3.2 Percepção de alunos e professores do Colégio de Aplicação sobre o Estágio Curricular

Um levantamento realizado este ano com discentes e docentes^a do Colégio de Aplicação dá conta da percepção destes elementos relativamente a estágio e estagiários.

Participaram deste estudo sessenta e nove alunos e doze professores que receberam estagiários nos dois últimos anos (1980,1981).

Os alunos foram selecionados aleatoriamente, sendo cinco de cada classe da escola, a partir da 6ª série, num total de quinze do 1º grau e cinquenta e quatro do 2º grau.

Tendo em vista os dados obtidos quanto à percepção do aluno que teve estagiário como professor, algumas colocações merecem destaque. Questionados sobre como se sentem em relação ao trabalho dos estagiários, 30 dos respondentes disseram “não gostar”, “sentir-se prejudicado” pelo trabalho com alunos-mestres; 15% salientaram sentir-se “inseguros”, “meio confusos” e outros 15%, “Indiferentes”. Entretanto, 17% declararam “gostar”, “achar válido” e “interessar-se” pelo trabalho dos alunos-mestres.

Inquiridos sobre como consideram o trabalho dos estagiários, 39% dos alunos referiram achar a experiência “chata”, “horrível”, “ruim”, “prejudicial”, dificultada pela falta de “domínio de conteúdo”, enquanto 35% declararam considerar a experiência “boa”, “muito boa” e “válida”.

Solicitados a responder sobre como costumam atuar nas aulas coordenadas pelos estagiários, 54% responderam que “fazem bagunça”, “não cooperam”, “conversam”, 11% disseram que trabalham “sem interesse”, “descontentes” e outros 11% referiram que sua forma de agir “depende do estagiário” e “da matéria” que é trabalhada.

Quando solicitados a darem sugestões e fazerem outras observações a respeito da atividade de estágio no Colégio de Aplicação, 32% do grupo de alunos responderam que os estagiários deveriam ter “mais firmeza” em sala de aula, agir com “menos nervosismo”; 15% destacaram a necessidade de os estagiários serem “melhor preparados”, enquanto outros 15% apontaram a necessidade de “revisão do sistema de estágio”, 13% salientaram a necessidade de trabalho “integrado” com o do professor de classe. De forma mais dispersa apareceram sugestões tais como: “mais dinamismo nas aulas”, “menor número de estagiários”, “Presença do professor de classe” e “mais atividade fora da sala de aula”.

^a Foi inviável realizar levantamento similar junto a estagiários de 1980 e 1981, em razão da urgência da realização deste trabalho, assim como a dificuldade de localizar elementos que, na sua maioria, já abandonaram a Universidade.

Aos doze professores que receberam estagiários foram formuladas questões similares às apresentadas aos alunos, solicitando-lhes que as respondessem apoiados em sua experiência com os mesmos.

Os dados obtidos indicaram que 42% dos docentes deste grupo consideram que há "falta de domínio de classe" nos estagiários, "há deficiências", falta uma linha seqüencial": igualmente, 42% dos professores respondentes revelaram sentir-se "angustiados", "apreensivos" em relação ao trabalho dos estagiários, enquanto 33% consideram o trabalho do estagiário "importante", com "bom conteúdo" e "fator de enriquecimento".

Relativamente à atuação do professor de classe junto ao aluno-mestre, 58% destacaram atuarem como observadores, 16% disseram "dar orientação anterior" e outros 16% colocaram que "respeitam a atuação" e "não se envolvem". A esta forma de agir 58% dos professores respondentes salientaram que os alunos-mestres reagem de "forma simpática e receptiva".

Quanto às sugestões para o trabalho com os estagiários, 67% dos respondentes sugeriram que fossem realizadas "tarefas anteriores junto ao professor de classe" tais como monitoria, assessoramento e produção de materiais, enfim destacaram a necessidade de "maior integração" do estagiário à escola, sendo que 42% dos respondentes referiram explicitamente isto. Foi colocada, por 16% dos docentes, a importância do contato dos professores de Prática de Ensino com a escola.

Entre as observações que julgaram importantes referir, 25% dos professores respondentes salientaram que os "alunos não apreciam estagiários".

Os dados levantados junto ao grupo de professores apresentam-se bastante compatíveis com os obtidos junto aos alunos, os quais considerados em conjunto, parecem indicar, predominantemente, dificuldades em relação ao desenvolvimento do estágio curricular no Colégio de Aplicação.

Mesmo destacando-se que estes resultados dizem respeito à percepção de uma amostra relativamente reduzida de alunos e professores, que pertencem a uma determinada e característica escola, acredita-se que seja válido refletir mais profundamente sobre a informação que este material apresenta, observando que as respostas propostas estão a identificar marcada insatisfação, apontando, talvez, não apenas para a urgência de revisão na estrutura do estágio curricular, mas principalmente para a necessidade de repensá-lo em perspectiva mais ampla, ou seja, no contexto de seu próprio curso, com vistas a possibilitar ao aluno-mestre maior relacionamento entre a prática, os pressupostos teóricos do processo ensino-aprendizagem e os conteúdos de sua matéria de ensino.

Pode o Colégio de Aplicação vir a influir na estrutura do estágio curricular?

3.3 O estágio avançado

A experiência profissional, não apenas a experiência como estudante ou professor iniciante é fundamental para que o professor adquira uma consciência mais profunda de sua própria profissão, dos problemas de seus alunos de maneira a possibilitar-lhe repensar o processo ensino-aprendizagem e sua participação neste processo. Desta forma convém se projetar o preparo do professor em termos de uma graduação que envolva decididamente a formação do professor pré-serviço e do professor em serviço-iniciante e experiente (com mais de cinco anos de experiência). Ao professor iniciante parece ser importante o apoio e recursos que lhe permitam examinar os efeitos de seu desempenho e tomar decisões compatíveis com sua realidade de ensino. Ao professor experiente é importante a retomada mais formal de princípios das teorias da educação e do ensino-aprendizagem, tal "reciclagem" poderia auxiliá-lo a buscar soluções sempre mais produtivas para os problemas que passou a perceber em seu exercício profissional e a visualizar outros ainda não percebidos.

Igualmente é preciso destacar como de particular relevância quanto a atenção especial que merece a formação do professor, em qualquer nível, quanto à área sócio-emocional.

Assim,

"Em todos os níveis da formação do professor, dever-se-á dar atenção especial à área sócio-emocional, por meio de estudos teóricos, estratégias e procedimentos de ensino e treinamento de sensibilidade que o habilite a desenvolver um currículo nessa dimensão com seus alunos. A qualificação do professor nessa área se torna ainda mais premente diante da complexidade dos problemas existentes e do acentuado despreparo do professor (26) para ajudar o estudante a crescer no processo de internalização de valores. Além disso, em qualquer programa de formação de professor seria desejável que lhe fossem oportunizadas experiências de ensino com alunos de diferentes faixas etárias, possibilitando-lhe uma visão mais significativa e compreensiva dos eventos da sala de aula e, por isso mesmo, tornando-o mais capaz de intervir nessa realidade" (Feldens, Ott e Moraes, 1980).

Em alguma medida, é nesta perspectiva que se têm organizado no Colégio de Aplicação os estágios avançados, que, embora tenham assumido ao longo do tempo características diversas, mantêm um núcleo básico de desenvolvimento a caracterizá-los: é destinado a professores da comunidade em serviço, iniciantes ou experientes, inclui observação, regência de classe (pequeno e/ou grande grupo), assessoria de especialistas na área de ensino e na área afetiva e participação na vida dos Laboratórios de Ensino.

Praticamente desde a sua criação o Colégio de Aplicação desenvolveu estágios avançados de professores iniciantes e até mesmo viveu, durante muito tempo, em função deles, pois a maioria de seus docentes eram convidados entre recém-formados que se haviam destacado em estágio curricular na escola.

Entretanto a experiência mais intensa e estruturada no Colégio de Aplicação, que pode ser considerada como estágio avançado para professores experientes, realizou-se no período de 1975 a 1978, sendo proposta em um projeto de pesquisa desenvolvido na escola sob o título de "Testagem de currículo e de cursos para o aperfeiçoamento do professor, com emprego de classes paralelas de 6ª, 7ª e 8ª séries" (UFRGS. Faculdade de Educação Colégio de Aplicação, 1979). Tal pesquisa incluiu o preparo teórico-prático de vinte e sete professores associados, de modo a permitir não só o contato com os conteúdos que seriam desenvolvidos nas últimas três séries do 1º grau, mas também a compreensão da estrutura do planejamento curricular integrado em Conjuntos Pedagógicos a serem trabalhados tanto no Colégio de Aplicação, quanto em sete escolas da comunidade.

Este tipo de estágio avançado caracterizou-se fundamentalmente pela assessoria pedagógica, realizando-se os desempenhos de ensino do professor em sua escola de origem.

Mais comum, atualmente, no Colégio de Aplicação, tem sido o estágio que supõe a agregação do professor a uma área de ensino e o acompanhamento das atividades daquela área tendo como foco principal a docência no próprio Colégio de Aplicação e como expectativa o aproveitamento no sistema de ensino da experiência vivida; experiência esta que, tendo em vista a escola laboratório que é o Colégio, poderá influenciar os padrões de desempenho da vida da escola da comunidade, com vistas à inovação e à reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem, mobilizando forças capazes de estimular mudanças no "status quo" escolar.

A respeito poder-se-ia questionar:

O estágio avançado no Colégio de Aplicação: utopia ou instrumento de inovação do sistema de ensino?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se convicção de que o estágio, seja curricular, seja avançado, é elemento fundamental na formação do professor e, está a exigir profunda reflexão capaz de direcionar rumos mais seguros à ação educativa no campo do preparo profissional docente.

Dado que na oportunidade a proposta é principalmente discutir o estágio curricular, sobre e em torno dele centrou-se basicamente a atenção, entretanto há que ressaltar, novamente que este estágio não é e não pode ser visto como elemento isolado, mas na perspectiva da interdisciplinariedade e seus múltiplos

relacionamentos, assim é preciso repensá-lo não apenas como atividade básica da Prática de Ensino mas no contexto dos cursos de que fazem parte, mas considerando a relação transacional própria entre formação acadêmica na área de conteúdos específicos e formação pedagógica.

Tendo em vista a experiência que está se vivenciando atualmente na UFRGS, há que considerar a necessidade de repensar não apenas o estágio curricular, mas a formação do professor como um todo, institucionalmente.

Deste modo parece válido apontar a necessidade de maior contato entre a Faculdade de Educação, que tem a responsabilidade básica da formação pedagógica, e os cursos de licenciatura, refletindo sobre a possibilidade de um "estágio residência", em que o aluno-mestre não apenas antecipe mas tenha, em alguma medida, uma vivência profissional, tendo a oportunidade de desenvolver, ainda que em uma "micro-forma" as três etapas básicas na formação do professor segundo Mialaret (1977, p.84); a de sensibilização, a de aprendizagem e a de prática de ensino, participando concretamente da vida da escola.

Tal colocação apoia-se na crença de que o comprometimento profissional tem que ser mobilizado no período de formação do professor pré-serviço e é preciso tempo para amadurecer e chegar até aí.

Igualmente, o estágio, curricular ou avançado, parece ser recurso importante favorecedor da manutenção ou da inovação, na medida em que se acredita que possa ser agente de mobilização de forças na direção do processo reflexão-ação-reflexão.

E nesta perspectiva poder-se-ia ver o estágio no preparo do professor, em serviço, iniciante ou experiente, como a grande oportunidade de capacitação e competência docente não apenas quanto ao "saber" ou a "saber fazer", mas também e principalmente quanto ao "saber ser".

É nesta direção que trabalha o Colégio de Aplicação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Célia Schmidt de. *Estágios curriculares como mecanismos de retroalimentação do sistema de ensino*. Porto Alegre, UFRGS, 1978. Diss. mestr. Educação.
2. FELDENS, Maria das Graças Furtado; OTT, Margot Bertoluci; MORAES, Vera Regina Pires. *Problemas dos professores do ensino de 1º grau*. Porto Alegre. INEP/UFRGS, 1980.
3. GASPARY, Lúcia Beatriz Velloso. *Determinantes do rendimento no estágio: organização do estágio e rendimento escolar*. Porto Alegre, Cursos de Pós-Graduação em Educação de UFRGS, 1976. Diss. mestr. Educação.
4. MELLO, Luzia Garcia de. *Desempenhos do professor em situação de estágio de prática de ensino*. Porto Alegre, CRPE do Rio Grande do Sul, 1971.
5. MIALARET, Gaston. *La formation des enseignants*. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
6. SANT'ANNA, Flavia Maria. *Microensino e habilidades técnicas do professor*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.

7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação. Colégio de Aplicação. *Testagem de currículo e de recursos para o aperfeiçoamento do professor, com emprego de classes paralelas de 6ª, 7ª e 8ª séries*. Porto Alegre, 1979. Relatório de pesquisa .
8. VIANNA. Agnelo Corrêa. *Educação técnica*. Guanabara, MEC, 1970.

ABSTRACT

This paper considers student teaching, whether regular or advanced, as a relevant element in the professional formation of the teacher to be, although this has been examined and questioned in the way it has been done at Colégio de Aplicação (University High School).

(Recebido para publicação em 28. 04. 82)